
SÓFOCLES. *As Traquíncias*. Edição bilíngue. Apresentação, tradução e comentário filológico de Flávio Ribeiro de Oliveira. Campinas: Editora da Unicamp, 2009. 150 p. ISBN 9788526808553

Flávio Ribeiro de Oliveira, professor de língua e literatura grega da Universidade Estadual de Campinas, tem se dedicado há tempo à tradução de obras gregas antigas para o vernáculo, com introdução e comentário filológico destinado ao público erudito especializado, mas, também, ao leitor culto em geral. *As Traquíncias* é uma das tragédias gregas menos conhecida, estudada ou valorizada. Sófocles produziu algumas das peças antigas mais apreciadas, mas esta obra foi mal compreendida por adotar uma estrutura dúplice, com duas linhas de ação, em torno de Dejanira e Hércules.

A ação dramática dá-se em Tráquis, na Tessália e o coro é composto por garotas da região, daí o nome *Traquíncias*. Dejanira envia seu filho primogênito Hilo à procura de Hércules, seu pai, pois este está ausente há muito tempo e eles estão exilados na Tessália. Chega um mensageiro que anuncia o retorno iminente de Hércules. Logo chega Licas, arauto de Hércules, que o antecede com prisioneiras como presa de guerra. Dentre elas, Íole, que conquistara o coração do herói. Dejanira, para reaver o amor do marido, usa um filtro do amor: antes, o centauro Nesso, ferido por Hércules, dissera a Dejanira que guardasse um pouco do seu sangue, que, embebido na roupa de Hércules, agiria como filtro amoroso. Ela envia a túnica, que, no entanto, consumia a carne do herói, pelo que Hilo acusa a mãe de assassina, que se suicida, ao perceber que fora

enganada. Hércules chega carregado, mostra ódio pela esposa que o mandara matar, mas percebe o seu erro, pois era uma profecia que se cumpria: um morto o mataria.

Stuart Lawrence¹ ressaltava que o grande tema da peça, na diversidade de interpretações propostas, consiste na ignorância humana, que afeta mesmo um herói como Hércules. Questiona o conhecimento humano que, à mesma época, era objeto de reflexão de filósofos e pensadores e enfatiza que o ser humano está fadado a não poder saber o quanto realmente sabe ou ignora sobre qualquer coisa.

Flávio Ribeiro de Oliveira preocupa-se em apresentar uma tradução em vernáculo que seja tanto bela, quanto acurada, para ser fruída como poesia elevada, como era no original grego. Por isso mesmo, não hesita em utilizar-se de neologismos, como “multilácrimosos plangores” (verso 51, p. 19). Outra característica da edição consiste no trabalho de erudição filológica, com a discussão das variantes nos manuscritos, em verdadeira exegese quase verso a verso (pp. 119-147). Reiteradas vezes, ressalta o papel do ator na representação da peça e a ambiguidade que estava presente em muitas passagens originais e que não exigiriam grandes exercícios filológicos modernos para propor emendas e correções desnecessárias ao original. Como lembra, “é na língua falada da representação teatral que a ênfase adotada pelo ator num ou noutro sentido vai definir a compreensão do espectador” (p. 122). Portanto, lembra, de forma muito apropriada, que a peça era para ser representada, algo que nem sempre os estudiosos consideram.

¹ Lawrence, S. The dramatic epistemology of Sophocles' “Trachiniae”, *Phoenix*, 32, 4, 1978, 288-304.

As questões textuais não se resolvem apenas em termos de análise gramatical, mas cênica. Na mesma linha, privilegia a beleza da tradução, como quando cita autores como Ezra Pound ou um cineasta como Pasolini. Prefere, sempre que possível, a versão manuscrita antiga mais difícil, o que é um preceito muito útil, ao afastar as supostas correções de copistas posteriores. Rejeita a necessidade de clareza e exatidão nas falas dos personagens, o que está de acordo com o tema central da peça: a falta de conhecimento humano, sua não aderência à racionalidade. Por outro lado, enfatiza a importância da noção de experiência (*peira*) presente na obra (versos 592-3). Não deixa de aceitar a presença de coloquialismos na peça.

Pode concluir-se que a publicação desta tradução representa uma contribuição sig-

nificativa, tanto para os estudiosos da literatura, história e cultura gregas, como para o público culto em geral. Por um lado, a edição é muito erudita, sofisticada, bilíngüe, com comentários da maior profundidade, resultado da pesquisa do autor no *Centre Léon Robin de Recherches sur La Pensée Antique (Sorbonne)*, com apoio da Capes e do FAEPEX/UNICAMP. Por outro lado, o leitor que quiser usufruir, de forma direta, a tradução, terá a satisfação de entender bem a peça e, ainda mais, de apreciar versos agradáveis em nosso idioma. Recomenda-se, portanto, sua leitura, com grande proveito para todos.

Resenha de
PEDRO PAULO ABREU FUNARI
Universidade Estadual de Campinas